



CARVALHO, Maria Luiza. Desencouraçamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores sem as mães. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

DESENCOURAÇAMENTO DE GÊNERO E AUTO-REGULAÇÃO ENTRE PAIS CUIDADORES SEM AS MÃES

Maria Luiza de Carvalho

Resumo

As dificuldades dos homens para o exercício do cuidado criam vulnerabilidades masculinas na sua relação consigo mesmos e com os outros. Em 2006, no Rio de Janeiro, foi realizado um estudo através de entrevistas profundas, com 16 pais de diferentes classes sócio-econômicas, que cuidam diariamente de seus filhos desde a infância até a adolescência, sem a presença das mães. O objetivo do estudo foi conhecer como estes homens vivenciavam, se motivaram e se organizaram para cuidarem desses filhos. O prazer no cuidado com os filhos permitiu a estes pais, o aumento da auto-estima, o amadurecimento psicossocial, o desencouraçamento dos padrões da masculinidade e a auto-regulação pessoal. A pesquisa indica a discussão do envolvimento dos homens com o cuidado e dos conceitos psicológicos que identificam a paternidade com as funções disciplinadoras na educação infantil. Cuidado pode ser entendido como potencialidade humana, auto-reguladora, independente do sexo, que se manifesta em condições sociais que permitem a libertação dos encouraçamentos de gênero da masculinidade.

Palavras-chaves: Couraça; Cuidado; Gênero; Masculinidade; Paternidade

*Amor, trabalho e sabedoria são as fontes da nossa vida.
Deviam também governá-la.
Wilhelm Reich*

Introdução

A falta de cuidado dos homens com eles mesmos e com as pessoas que os rodeiam, provoca alta vulnerabilidade masculina a acidentes, doenças, violência, trazendo prejuízos nas relações com crianças, mulheres e outros homens (KEIJZER, 1997). Voltados para o trabalho fora de casa, acentuado pelo processo de industrialização (GIFFIN, 1998), os homens em geral, experimentam poucas oportunidades para o cuidado de si mesmos e de suas famílias. Sua pouca atenção ao cuidado está relacionada ao modelo de masculinidade hegemônica que prescreve que sejam fortes (CONNELL, 1995, 1998; NOLASCO, 1993). Ocultam suas fragilidades e necessidades, e se mantêm afastados dos cuidados com sua própria saúde e da família (KEIJZER, 1997).



CARVALHO, Maria Luiza. Desencourajamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores sem as mães. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Contudo, a crescente necessidade econômica das mulheres e dos homens providenciarem o sustento familiar, abre espaço para a entrada dos homens na educação dos filhos, criando uma transição de gênero (GIFFIN, 1994). Mas mesmo aqueles que se aproximam dos cuidados com os filhos, não dividem igualmente estas tarefas (MCMAHON, 1999), fenômeno que expressa a desvalorização do trabalho doméstico comparado ao trabalho remunerado fora de casa (HOTCHSCHILD, 2005).

Entidades nacionais e internacionais têm começado a buscar envolver os homens em atividades cuidadoras de si mesmo e da família, com o propósito de diminuição das vulnerabilidades masculinas (KEIJZER, 1997; BARKER et al, 2003). Este é um desafio para as políticas públicas que não costumam considerar as demandas masculinas nem seu cuidado com a família (TONELLI-SIQUEIRA et al, 2003; CARVALHO, 2003; SCHRAIBER et al, 2005). Nas ciências humanas e da saúde, há pouca compreensão sobre a participação dos pais no desenvolvimento das crianças. É necessário, portanto, o conhecimento sobre as peculiaridades masculinas com o cuidado e sua relação com a construção social da masculinidade.

Com o objetivo de conhecer como os homens vivenciam, se motivam e se organizam para cuidarem de seus filhos, foi realizado um estudo exploratório através de entrevistas profundas, com 16 pais de diferentes classes sócio-econômicas, que cuidavam diariamente de seus filhos, da infância até a adolescência, sem a presença das mães. Eram homens de diferentes classes sociais e graus de instrução, residentes na região metropolitana do Rio de Janeiro, em 2006. Assumiram o cuidado com seus filhos, apesar de suas representações tradicionais de gênero, da falta de experiência com o cuidar e das diferentes histórias pessoais (CARVALHO, 2007). Neste artigo, serão discutidos alguns resultados desta pesquisa, relativos aos benefícios do exercício do cuidado paterno para os entrevistados. O contato com a potencialidade cuidadora humana na relação com os filhos pôde permitir o desencourajamento de gênero da masculinidade e a recuperação da auto-regulação dos homens.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade-Escola da UFRJ, com o número 07/2007 e registro no CAAE 0004.0.361.000-07. Foram tomados cuidados éticos para preservação da privacidade dos entrevistados e os nomes dos pais citados neste artigo são fictícios.



CARVALHO, Maria Luiza. Desencouraçamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores sem as mães. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Cuidado e auto-regulação

Cuidado compreende dedicação, raciocínio e zelo por algo ou alguém por que se tem afeto (BOFF, 1999). É por excelência, uma atividade que permite a integração entre raciocínio e emoção, já que atuam simultaneamente quando o interesse afetivo direciona as ações cuidadoras tanto das coisas e das pessoas. Filosoficamente, “cuidado” pode ser entendido como potencialidade inerente e fundamental ao ser humano, que precisa de condições para se manifestar e desenvolver (HEIDEGGER, 2004; BOFF, 1999). A falta de cuidado com a vida permite que surjam as crises que fazem com que tenhamos que nos reconectar com nossa potência cuidadora (BOFF, 2002).

O cuidado implica em buscar intimidade com o objeto de cuidado, acolhendo-o e respeitando-o, permitindo que se entre em sintonia com o outro, ser humano ou natureza. O cuidado com o outro pode, portanto, libertar a pessoa das exigências sociais de racionalidade, objetividade e produtividade. O espírito se humaniza e o corpo se vivifica quando moldados pelo cuidado, numa fundamental ação humana, levando a centralidade da vida para o sentimento (BOFF, 1999). Traz benefícios para o cuidador já que o próprio processo de cuidar é facilitador da felicidade (CREMA, 1995). Devemos considerar ainda que o desenvolvimento psicossocial de um adulto saudável implica no envolvimento com tarefas cuidadoras, que podem ser voltadas para os próprios filhos, para outras pessoas ou para a melhoria do mundo (ERIKSON, 1996; COWAN, 1988).

A discussão teórica sobre o cuidado nos remete ao entendimento da auto-regulação, uma força inerente à vida humana, que busca sua preservação permanente. No entendimento de Reich, à medida que seus pacientes abandonavam suas couraças defensivas no processo terapêutico, espontaneamente desenvolviam uma capacidade para auto-regulação. As couraças defensivas, presentes no corpo, nas emoções e atitudes das pessoas são construídas como proteção aos sofrimentos psíquicos ao longo da vida, e impedem o contato das pessoas com sua vitalidade, emoções profundas e com os outros. Já as pessoas auto-reguladas são mais espontâneas e naturais, agindo com base em suas próprias inclinações e sentimentos profundos (REICH, 1981). Falar de auto-regulação é, portanto, semelhante a falar desse potencial inerente a cada um de nós, que nos move para cuidar e curar a si mesmo e aos outros. O indivíduo auto-regulado, ao se libertar de suas couraças, ama e cuida com mais facilidade.



CARVALHO, Maria Luiza. Desencouraçamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores sem as mães. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Sociedade, encorajamento e gênero

O cuidado compreendido como potencialidade, precisa, portanto, de condições pessoais e sociais para se manifestar. Em nossa sociedade, homens e mulheres em nossa sociedade vivem pressões geradas pelo capitalismo que mercantiliza a vida humana (BOFF, 1999). As relações de trabalho coisificam os trabalhadores e constroem pessoas alienadas de si mesmo e auto-desvalorizadas, que reproduzem esta desvalorização nas relações entre as pessoas (MARX, 1983). Esquecemos e nos distanciamos de nós mesmos e dos outros, num encorajamento emocional social que se expressa na vida individual e se propaga nas relações, dificultando o exercício do amor. Os impulsos para buscar a conexão com o outro através do amor, encontram esses encorajamentos emocionais e não conseguem se expressar livremente (REICH, s.d.; AFONSO, 2005; VOLPI, 2004).

Embora percebamos que o cuidado seja intrínseco à humanidade, ele é identificado como tarefa das mulheres, que vivem muitas oportunidades para se conectarem com sua afetividade e desenvolverem sua potencialidade de cuidado. Os homens, mais identificados com o trabalho remunerado (GIFFIN, 1994) e principais instrumentos de dominação nas guerras, sofrem os prejuízos que os distanciam do contato consigo mesmos e com as pessoas que os rodeiam. O modelo de masculinidade hegemônica cria a expectativa de que sejam fortes e que não precisem de cuidado (KEIJZER, 1997; CONNELL, 1995).

Além disso, em muitos países, os homens resistem ao trabalho de cuidado com os filhos e com a casa, apesar da maciça participação das mulheres no mercado de trabalho (MCMAHON, 1999). Aproveitando o privilégio da dominação masculina, mantém com as mulheres o mesmo padrão de desvalorização da vida a que são submetidos e deixam para elas o trabalho pesado da casa e dos filhos. Reproduzem a desvalorização social do trabalho reprodutivo e das ações envolvidas com o cuidado em geral. Poderíamos dizer que se trata de um desligamento empático, baseado na ideologia machista. Reproduzem a racionalidade, a coisificação e a dominação sofrida por eles mesmos, em suas relações familiares. Encorajam seus corpos, limitando suas possibilidades de amar e portanto, de cuidar dos que os rodeiam. Podemos entender este fenômeno como uma reprodução social do encorajamento de gênero da masculinidade.



CARVALHO, Maria Luiza. Desencourajamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores sem as mães. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

A sensibilidade para o sofrimento dos outros e a atenção às pessoas são fenômenos construídos socialmente, pois dependem das estruturas e valores sociais (MELLO E SOUZA, 1998). Os homens, pressionados pelas transformações econômicas e familiares, começam a participar do cuidado com as crianças sem que esta seja uma atividade vivida por eles como de sua competência, caracterizada como uma ajuda à mulher (MCMAHON, 1999). Mesmo com as resistências da masculinidade, ocorre desta maneira, um convívio entre o modelo de paternidade tradicional distante e autoritária e a paternidade participativa e cuidadora (CARVALHO, 2003, 2007).

Estudos mostram que a paternidade faz bem aos homens, já que diante do nascimento de um filho, os homens costumam adotar atitudes mais preservadoras da sua vida (COWAN, 1988). Há contudo, pouca visibilidade de suas práticas cuidadoras. Além disso, na Psicologia, ainda é valorizada a figura de autoridade do pai, numa expressão da perpetuação da representação da masculinidade distante do cuidado.

Desencourajamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores

Se os determinantes de gênero aprisionam homens e mulheres em papéis estereotipados, podemos considerar que algumas experiências podem facilitar a libertação destes papéis. A pesquisa de campo desenvolvida com pais cuidadores sem as mães, mostrou que homens com representações e vivências tradicionais de paternidade, com diferentes experiências de cuidado na sua infância e pertencentes a diferentes camadas sociais, podem cuidar diariamente dos filhos sem a presença das mães. Estes pais foram motivados para o cuidado, ao atravessarem crises familiares provocadas por morte, afastamento, doenças psíquicas ou falhas percebidas por eles, no cuidado materno após as separações conjugais. As crises deflagraram o despertar da potencialidade de cuidar e das aprendizagens em torno do cuidado, que não estavam sendo praticadas anteriormente, seja pela sua identificação principal como provedores enquanto eram casados, seja pela guarda materna após a separação conjugal. Seus depoimentos confirmaram que cuidado é capacidade inerente a qualquer ser humano, mas que precisa de condições para se manifestar (HEIDEGGER, 2004; BOFF, 1999; AYRES, 2001).

Apesar dos desafios materiais e dos preconceitos de gênero, eles experimentaram grandes alegrias por se envolverem com o cuidado. Durante as entrevistas, seus olhos

CARVALHO, Maria Luiza. Desencourajamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores sem as mães. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

brilhavam ao falarem emocionados, das lutas que venceram e da alegria do convívio com os filhos. Suas emoções fluíam com facilidade, sugerindo que entravam em contato com emoções profundas das quais estavam conscientes. Suas falas eram calorosas no que diz respeito à intensidade afetiva que estavam experimentando com seus filhos.

Os entrevistados descobriram suas habilidades em tarefas e sensibilidades atribuídas às mulheres, a partir de terem assumido o cuidado com os filhos sem as mães.

Aí de lá para cá, meu mundo mudou mesmo. Mudou, eu tive que aprender tudo, eu tive que descobrir tudo. E aí eu entrei no mundo feminino, por causa das minhas duas filhas. Esse mundo feminino, esse mundo me fez ver a mulher, o outro lado da mulher. Me fez ver a paciência, o amor que triplicou, me fez ver como a mulher se sente do outro lado e eu sinto como uma mulher se sente, eu homem, eu tive que aprender isto. (...) Você conhece seu filho só no olhar e esse olhar eu tive que descobrir, porque eu era só pai dela, não era pai e mãe, pai e mãe é diferente... É esse amor que eu te falei, é esse mundo feminino, o mundo da mulher; e o homem não, o homem se exclui desse mundo...Aí então eu tive que descobrir esse mundo feminino, a sensibilidade, né?

Isaías, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos

Então eu virei pai e mãe, e para você ver que eu tenho tanta facilidade de exercer esse papel de mãe que é uma coisa incrível. Eu falei: 'meu, como Deus é perfeito!' Porque arrumo, eu faço trancinha no cabelo dela igual mulher faz, essas coisas toda, eu nunca imaginava. [...] Então isso é papel de mãe e Deus me concedeu esses dons, que nem eu sabia que eu tinha esse dote de cuidar. Quando a minha filha sai e vai para escola muita gente: "Oh! quem te arrumou, porque muita gente sabe que eu sou viúvo pensa que outra pessoa que arrumou, mais eu que arrumei, Eu sei colocar as roupas certinho, eu sei combinar as roupas, então ela fica uma boneca, entendeu?"

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

É uma coisa ímpar, é uma coisa que não tem como descrever assim... Foram vários momentos, eu acho uma coisa, como posso dizer? Muito emocionante, é uma coisa muito legal, eu nunca imaginei, quando eu era adolescente, ou início da minha fase adulta, de eu passar por uma situação dessas, né? Aí, de repente, a coisa acontece e eu vi que não tem nenhum bicho de sete cabeças. É bom, é legal, eu estou gostando.

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos

Eu [aprendi] sozinho (...) Até então, nem macarrão eu sabia fazer, só fritar ovo e fazia miojo. (...) Apanhei muito pra fazer macarrão que coisa mais fácil, depois que eu vi que coisa mais fácil, né? Como é que a gente é homem, né? É porque, trabalhava, mamãe fazia tudo, já chegava com comida pronta já no prato né. [...] Quando eu juntei com ela [a esposa], (...) deixei tudo por conta dela, fiquei dependente, fiquei dependente. Hoje eu já me sinto mais capaz você não viu? [...] Hoje eu faço um feijão, um macarrão, faço uma carne.

Jerônimo, 50, divorciado, comerciante, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

CARVALHO, Maria Luiza. Desencouraçamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores sem as mães. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

A sua experiência de cuidar sozinho, lhes permitiu entrar em contato com muitas aprendizagens que não haviam tido acesso. As crises que motivaram o cuidado com os filhos, permitiram que eles se libertassem de aprisionamentos emocionais e sociais que limitavam sua criatividade, afetividade e espontaneidade, num desencouraçamento de gênero da masculinidade.

Os pais se sentiram gratificados e orgulhosos com eles mesmos, por estarem conseguindo cumprir sua tarefa de cuidadores, tanto com relação à satisfação com a relação amorosa com os filhos, quanto ao seu compromisso social como educadores:

E por isso que eu acho que a minha luta foi gratificante. [...] A Patrícia fazia desenho todo dia: “Pai eu te amo”, um coração assim pai eu te amo, todo dia, todo dia. Agora ela parou um pouco, mas todo dia um desenho: pai eu te amo, pai eu te adoro, pai não sei o que. No Dia dos Pais eles encheram a geladeira de tanto desenho disso e coisa e tal. Então eu me sinto bem com isso, me sinto que a minha missão não está sendo em vão.

Jerônimo, 50, divorciado, peixeiro, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

Eu quando eu entrei nessa briga judicial com... com a guarda dos meus filhos eu tomei uma postura comigo que me orgulha muito sabia? Eu não menti, não que eu não minta, eu não menti, eu não joguei sujo, eu não falei nenhuma inverdade, eu não..., eu sempre falei isso. Eu me olho no espelho e tenho orgulho de mim. Porque aqui é minha família, são os meus filhos.

Filipe, 43, divorciado, advogado, filhos de 7 e 5 anos

O cara passou com maior notão e eu fui chamado no colégio, era um colégio religioso. Conversou a Madre, a diretora, a professora, a orientadora educacional: ‘A gente está aqui para te dar os parabéns. Você mudou a situação, a gente não acreditava, achava que teu filho ia repetir. Você chegou aqui falou tudo que tinha acontecido, mostrou documento, a gente meio que ficou assim de receber o teu filho, você pediu para que isso acontecesse...’ Ainda pedi bolsa, entrou com bolsa e tudo, eu estava num desespero total. Mas elas me chamaram para me dar os parabéns, porque elas viram que tinha o meu dedo ali.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Trata-se do processo de amadurecimento psicossocial que o cuidado pode proporcionar (ERIKSON, 1997; COWAN, 1988). Além disso, a troca amorosa com os filhos, facilitou-lhes a libertação da dureza emocional imposta pelos padrões da masculinidade. Cuidado, portanto, beneficia o próprio cuidador (BOFF, 1999; CREMA, 1995). Como já vimos anteriormente, segundo Boff (1999), o espírito se humaniza e o corpo se vivifica quando moldado pelo cuidado, nessa interação entre razão e sentimento, fundamental à vida humana.



CARVALHO, Maria Luiza. Desencouraçamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores sem as mães. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Os pais relataram ainda estar aprendendo muito com o que os filhos lhes ensinam sobre as relações humanas:

Quando você começa a perceber que ela tem muito a te transmitir, né. E realmente tem, né. Porque a ingenuidade dela ela consegue falar coisas que as pessoas não falam. E você começa a perceber certas coisas. Até em termos de relações; você vê... E você percebe também que crianças são perversas. Achar que criança é um anjinho, isso é (risos) Que elas são perversas, tem crianças que você vê... Elas são vingativas, elas planejam, sempre evitando fazer alguma coisa. Elas têm esse raciocínio, interessante, né. Mas foi muito rico, foi muito rico pra mim.

Leonardo, 46, casado, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Eu tinha que ganhar dinheiro pra botar essas coisas e eu trabalhava e ganhava comissão então eu não podia parar, porque era uma dificuldade muito grande. (...) Eu tenho aprendido com ela muitas coisas o que eu não aprendia porque não tinha tempo pra ficar com ela e hoje eu aprendo muitas coisas com ela.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

E a experiência de cuidar de filho e organizar a casa sozinho, fortaleceu a percepção de si mesmo e a autonomia:

Eu não quero mais ninguém mandando, finalmente! Eu digo: Olha, até os dezoito anos eu fiz o que o meu pai e a mãe quiseram. De dezoito até... depois eu fiz o que tinha que fazer porque tinha que me posicionar profissionalmente. Depois eu me formei, eu [fui] lá pra São Paulo. Eu disse agora chegou a minha vez, agora eu mando ni mim, agora eu conduzo a minha vida. Porque o homem quando casa, a mulher mais uma vez, acho que vou virar viado, a mulher vem e surrupia da gente. A mulher passa a ser a dona da casa. A gente sai da casa da mamãe e vai pra casa da mulher. Então finalmente eu estou tendo a minha casa, eu decido. Envernizo aqui, o bar ali, deixo ali assim... Eu mando na minha casa! Eu estou curtindo isso assim ao extremo. Eu não quero ninguém. Eu tive uma namorada, ela veio e eu “Olha, vou colocar uma coisinha pra você bem clara, número um: meus filhos, número dois: meus filhos, número três: meus filhos. Em quarto lugar venho eu, em quinto vem você. Gostou ou não, essa é a minha regra. Não vou mentir mais pra ninguém.

Filipe, 43, divorciado, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Em geral, os homens, diante do nascimento dos filhos, se sentem mais responsáveis (COWAN,1998), mas para estes pais, houve um mergulho radical na prática cuidadora, sem as mães, criando uma singularidade na sua vivência como homens. Alguns pais relataram transformações benéficas profundas nos seus comportamentos e nas relações com as pessoas a partir de terem assumido o cuidado com seus filhos, num aumento do amor por si mesmos e profundas transformações emocionais:

Pra mim é ótimo, que dá mais grandeza, me projeta mais. Me dá mais responsabilidade. Me segura mais. É, buscar outras coisas pra eles, vamos dizer, melhorar. A gente se

CARVALHO, Maria Luiza. Desencourajamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores sem as mães. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

agarra naquela parte ali. Vou falar o que assim. É uma coisa que... é meu. Você sente que o amor que você tem pelos seus filhos te ajuda a você se projetar. É em tudo, tudo, tudo. Nas dificuldades deles. Por exemplo, assim, é, passar uma necessidade, meu filho quer isso, isso, isso, isso e eu não posso dar. É porque eu quero dar pra eles o que eu não tive.
Clóvis, 40, separado, Bombeiro, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Cerveja, mais cerveja, e álcool assim [antes da viuvez]. Mas isso me trouxe muita desilusão, muita falsidade de amizade só quando eu tinha dinheiro. E graças a Deus, aí aconteceu o que aconteceu comigo eu fiquei viúvo e tal e agora estou aqui recomeçando a minha vida né, recomeçando assim de uma maneira poderosa mesmo porque Deus tem mostrado ser muito bondoso para comigo, entendeu? Por todas as coisas que eu passei né, e a Ingrid [filha], [...] Deus me colocou me confiou, porque Deus me confiou, [...]Então é um amor incondicional né, e isso está mudando a minha vida [...]Então eu comecei a mudar e eu virei um homem muito assim ... Então isso fez com que a minha personalidade, o respeito voltasse das outras pessoas que me rodeiam, da minha própria família e até por eu ter mudado tanto para melhor, causou até algum espanto nas pessoas. Às vezes, da minha própria família por não acreditarem o quanto eu mudei para melhor, o quanto a minha filha me ama, o quanto ela [a filha] é apegada a mim [...]
Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

E lá no futuro, lá na frente você vê que o que aconteceu foi bom, foi bom: você cresceu, você viu: “Puxa! Aquilo tinha que acontecer”. Para mim chegar aqui, não é?
Isaías, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos

Puderam se envolver com o cuidado num amadurecimento psicossocial, conforme descrevem alguns autores (ERIKSON, 1982; COWAN, 1988). Dois dos entrevistados, inclusive, relataram histórias de criminalidade no seu passado, que não foram retomadas na dedicação aos filhos. O cuidado recuperaria o que estes homens perderam na sua vida diária como trabalhadores, em atividades muitas vezes alienadoras, permitindo a conexão entre eles e as crianças, e com seus próprios sentimentos. Puderam se libertar dos aprisionamentos gerados pela divisão sexual do trabalho e da construção de gênero da masculinidade, para se conectarem com sua amorosidade, num processo de auto-regulação. Como disse um dos pais, “É. Filosoficamente, a gente existe pra buscar a felicidade” (Leonardo, 46, casado, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos). Parecem ter se contatado com a possibilidade de felicidade que faz parte das atitudes de pessoas espontâneas, auto-reguladas. No caso deles, libertas do encorajamento emocional da masculinidade. O cuidado entendido como potencial e inerente à vida humana, pode ser curador portanto, do cuidador.

Os pais viveram a experiência de entrarem em contato com sua potencialidade cuidadora profunda, inerente à vida humana, mas que, é preciso lembrar, precisa de



CARVALHO, Maria Luiza. Desencourajamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores sem as mães. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

condições para se manifestar, tais como as crises no cuidado materno. Não podemos desconsiderar que são homens brasileiros, cuja cultura facilita a atenção ao mundo da casa (MELLO E SOUZA, 1998). No entanto, este estudo não permite prever comportamentos futuros dos entrevistados com relação ao cuidado, e é importante destacar que não ocorreram transformações nas suas concepções de gênero.

Conclusão e recomendações

Esta pesquisa sugere que cuidado é expressão de uma potencialidade humana, auto-reguladora, que ao ser conectada pelos homens, pode facilitar seu desencourajamento de gênero e a auto-regulação. Este estudo confirma as recomendações de outros estudos que indicam os benefícios que a paternidade pode trazer à relação dos homens com eles mesmos e com os que os rodeiam, com o propósito de diminuição das vulnerabilidades masculinas (KEIJZER, 1997; BARKER, 2003). A prática de uma paternidade mais próxima implica portanto, numa revalorização pelos homens das tarefas de cuidar e na integração destas à representação de masculinidade e de paternidade.

Os resultados do estudo indicam: a discussão do cuidado como potencialidade inerente e auto-reguladora humana, independente do sexo; a necessidade de reavaliação dos conceitos psicológicos que limitam os pais às funções disciplinadoras na construção da personalidade da criança; a promoção de políticas públicas e de capacitação dos profissionais e estudantes nos setores do trabalho, da educação, da saúde, e da justiça para o trabalho com a paternidade, permitindo a facilitação do cuidado paterno com os filhos. Finalmente, é de fundamental importância a construção de políticas trabalhistas e econômicas que respeitem o cuidado com a vida em geral, para que homens e mulheres possam conciliar o trabalho remunerado com o cuidado deles mesmos e de suas famílias.

Referências

AFONSO, Rubens. *Escuta, Zé ninguém! e o poder do amor*. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acessado em: 19/04/2007.



CARVALHO, Maria Luiza. Desencouraçamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores sem as mães. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

BARKER et al. Men's participation as fathers in the latin american na caribbean region: a critical literature review swith policy considerations. Document Prepared for theWorld Bank. Final Draft. Rio de Janeiro: Instituto PROMUNDO, maio 2003. www.promundo.org.br

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Editora Vozes, 6^a. edição, 2000.

CARVALHO, Maria Luiza Mello de. *Cuidado, Sociedade e Gênero: um estudo sobre pais cuidadores*. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). EICOS, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. Pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 19 (Sup. 2) S 389-S398, 2003.

CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade* 20 (2), jul/dez 1995, p. 185-208

COWAN, Philip. A. Becoming a father: A time of change, an opportunity for development. In: BRONSTEIN P., COWAN, Carolyn Pape (Eds.), *Fatherhood today: Men's changing role in the family*. New York: John Wiley & Sons, 1988.

CREMA, Roberto. *Saúde e plenitude; um caminho para o ser*. São Paulo: Summus, 1995,

ERIKSON, Erik. *The life cycle completed: a review*. New York: Norton, 1996.

GIFFIN, Karen. Esfera de Reprodução em uma Visão Masculina: Considerações sobre a Articulação da Produção e da Reprodução, de Classe e de Gênero. *PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva*. Vol. 4, número 1, 1994.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo. Parte I*. Petrópolis: Editora Vozes/Universidade São Francisco, 2004.

KEIJZER, Benno de. El Varón Como Factor De Riesgo: Masculinidad, Salud Mental Y Salud Reproductiva In: TUÑÓN, Esperanza (coord.), *Género y salud en el Sureste de México*, ECOSUR y UJAD, Villahermosa, 1997.

MCMACHON, Anthony. *Taking care of men: sexual politics in the public mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MARX, 1993. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana. In: FERNANDES, f. (ORG.). *Karl Marx e Friedrich Engels: história*. São Paulo: Ática, 1983, p. 146-181.

MELLO E SOUZA, Cecília de. A ética das relações sociais no Rio de Janeiro: uma abordagem psicossocial. *Documenta*, n. 9, Rio de Janeiro, EICOS-UFRJ 1998, p. 59-71.

REICH, Wilhelm. *A função do orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

VOLPI, José Henrique. *Peste emocional*. Curitiba: Centro Reichiano, 2003. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acessado em: 27 maio 2007.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

12

CARVALHO, Maria Luiza. Desencouraçamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores sem as mães. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Maria Luiza Mello de Carvalho/RJ - é Psicóloga e Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Psicoterapeuta corporal (Biossíntese), trabalha em consultório e na Maternidade-Escola da UFRJ. Integra o Movimento de Valorização da Paternidade do Rio de Janeiro e a REHUNA – Rede pela Humanização do Parto e do Nascimento.

E-mail: luiza.carvalho@globocom.com